



**Erika** nasceu em 1966 em Itapetininga no estado de São Paulo e mora e trabalha na cidade de São Paulo.

## Na Capa

**Erika Malzoni** apropria-se de objetos mundanos para produzir suas obras, respeitando as características dos materiais – especialmente suas imperfeições – e buscando preservar e aproximar o que está no seu entorno, voltando-se à arqueologia e à busca por um inventário do nosso

próprio tempo. É possível encarar seus trabalhos como retratos do presente, ao mesmo tempo que incorporam reflexões em torno da memória, da transitorie-

dade, da obsolescência e da fragilidade da nossa existência. Malzoni iniciou sua prática artística fazendo uso da fotografia, mas, depois, percebeu um interesse maior pela tridimensionalidade, dando sequência a uma vigorosa produção de objetos, assemblagens, esculturas e instalações. A partir de 2013, começou a participar de exposições nacionais e internacionais com foco em instituições públicas.



## PORTFÓLIO DE ERIKA MALZONI



O trabalho de todo artista é, em alguma medida, uma espécie de arquivo. Essa talvez seja uma chave preciosa para adentrar a produção de Erika Malzoni, cujo ateliê, espaço transformado em um grande arquivo vivo, abriga mutações diárias. *É que eu estava mexendo numa coisa hoje...* A diferença é mesmo de uma semana para a outra, e é possível não encontrar mais no mesmo lugar um pedaço de madeira, aquele tecido pendurado na parede ou o conjunto de escovas para pentear cavalos, pareados por cor, no chão ao lado da porta. *Estão aí, mas ainda não são trabalho, estão em processo, queria falar de relações humanas, entende?*

O que mais entendo é que Erika parece requerer, no mais das vezes, o espaço do convívio entre os diversos objetos de seu ateliê, que ela ganha ou recolhe em situações cotidianas. São, em sua maioria, peças de armarinho, “cacarecos” de lojas de ferramentas, embalagens de produtos, tecidos rústicos e de revestimento, lacres, etiquetas, pedaços de madeira, cadeiras de três pernas, e por aí vai uma infinidade de coisas que um olhar apressado sobre seu espaço não consegue perceber. Seria injusto, porém, transparecer qualquer menção a um tipo de caos ou dar a entender que seja necessário caminhar pela sala como quem pisa em ovos. Não é assim. Erika testa procedimentos diários de aproximação, seja com o que está em cima da mesa, no chão ou dentro das gavetas recém etiquetadas; uma busca constante por procedimentos pouco convencionais de catalogação que deem conta de favorecer seu fluxo de pensamento e criação.

Mais que uma simples objeção a parâmetros comuns de organização, estes gestos repetidos de ordenação, desordenação e reordenação podem ser vistos também como índices de um convívio íntimo com cada objeto, um exame de contiguidade entre eles, de rememoração. *Conheci o senhor que cuida das lâmpadas e ele me deu algumas. Este tema da obsolescência programada me interessa muito, do consumo desenfreado, sabe? Gosto de recolher o que está no meu caminho porque, no fundo, só podemos falar com propriedade sobre o que está próximo.* O que está próximo está atravessado por memórias, quase apagadas, não fosse o poder dos afetos que a artista dis-





põe a cada objeto. Porém, estes mesmos elementos, destituídos de seus contextos originais, passam a compor novas narrativas, como é o caso do *Notas aos volumes* (2013), constituído de um conjunto de livros que pertenciam à antiga moradora da casa onde é hoje o ateliê. Ela tinha separado várias coisas para jogar fora. Os livrinhos estavam no chão, na mesma sala em que estão agora, aí eu pedi se poderia ficar com eles.

O recurso da apropriação é o modo pelo qual Erika escolhe transitar pelo excesso do mundo. Por isso, em *Cacho* (série *Amuletos*) (2017) ela recolhe cartelas de remédios que organiza em uma grande penca ou, então, toma embalagens de chocolate para revestir um cobertor de resíduo têxtil em *Sala de espera* (2017). As fitas VHS que se encaixam nos degraus da escada que une o primeiro e o segundo andar do ateliê são excedentes de uma produtora que, fechando suas portas, descartara seu acervo de propagandas políticas da época. As notas fiscais costuradas, por sua vez, formam o tecido da inócua pergunta a que respondemos repetida e diariamente: *CPF na nota?*

No âmbito de uma leitura mais ampla da arte contemporânea, o recurso da apropriação liga-se, ele próprio, a uma lógica arquivista. No caso de Erika, esta lógica está acompanhada de uma disposição para a relação interpessoal, o que acaba por oferecer mais uma pista para a compreensão de sua prática. Em *Inventário de esquecidos* (2016), que realizou na Oficina Oswald de Andrade, a artista arquiva os inúmeros objetos que recolheu e trocou no período de 2013 a 2016 pelas ruas de São Paulo e em viagens. Tudo o que foi juntado foi guardado em sacos zip lock, com sua catalogação correspondente. *Eu os encaro como saquinhos gestacionais, invólucros a espera de trabalhos futuros*. Em *Escambo* (2017), Erika coloca uma lona azul sobre a calçada em frente à Praça das Artes e, de forma similar, propõe trocas não equivalentes com os passantes, ou seja, a permuta de par de sapatos, rolo de fita de cetim, ou de uma dúzia de botões poderia corresponder a um abraço ou uma conversa. A partir dessas estratégias, suas obras ganham perspectiva de um arquivo dinâmico, aberto, e de uma ideia, ainda mais resoluta, por

Na página ao lado, *Notas aos volumes*, 2013

Na dupla anterior,

assim dizer, do mundo como arquivo a ser explorado.

À distância, uma cauda imponente, de cor escura, **meio bicho, meio monstro, meio coluna**, está instalada no centro do ateliê sem dar dicas do que a constitui. É preciso chegar perto para perceber a costura minuciosamente feita para encaixar gravata por gravata até formar uma espécie de escultura mole. *Suicidas* (2013) surgiu de uma pesquisa de motivação pessoal sobre o suicídio na cultura judaica. Erika começou costurando as gravatas coloridas do pai que **ficavam guardadas, todas, numa caixa no ateliê**, mas, em seguida, percebeu que precisava de uma única tonalidade, que demonstrasse o luto, sua atenção à transitoriedade dos materiais e da própria vida.

Um conjunto de delicados lacres pintam a parede branca como se fossem pequenas intervenções com tinta preta. O tecido de fibra natural é base para tiras adesivas que fixaram areia e terra de lugares importantes para a biografia da artista. Meias de várias marcas, costuradas pelos punhos e presas por um retalho de lona antiga. Materiais que, juntos, não apenas reforçam a ideia de um acervo múltiplo e diverso, mas também descrevem um **percurso aleatório, labiríntico, meio crosswords**, que permite traçar vínculos entre objetos comuns e seus formatos globalizantes, sob a ótica dos modelos, dos padrões de consumo, de alguns códigos de conduta.

À sua maneira, a própria arte contemporânea é um arquivo com inúmeros desdobramentos. Há muitas pesquisas que abarcam desde discussões teóricas sobre o arquivo - seu sentido etimológico, filosófico, estético ou poético - até investigações práticas de artistas que trabalham com material de arquivo, criam arquivos fictícios, problematizam o arquivamento, desenvolvem projetos a partir de uma modalidade arquivar, assim por diante. Nesse coro, o trabalho de Erika contribui com a ideia de um arquivo vivo, precíval, frágil e, por isso mesmo, transitório, de onde a artista lança, sem endereçamento certo, suas perguntas mais essenciais.







Nas páginas anteriores, *Sala de espera*, 2017  
Nesta página a cima, *Escambo*, 2017 e *Inventários de esquecidos*, 2016